## Volume II

## Sexta Parte – 1S

## Finalmente, o fim de mais uma vida aqui

Não voltei mais à minha antiga casa. Tenho receio pela visão da avenida. Não posso enfrentar a “Parva sed Apta”.

Mas eu vi Mary novamente — por sete vezes.

E toda vez que ela volta, traz um livro com ela, com bordas douradas e encadernado em verde marroquino como o Byron que líamos quando éramos crianças, ou em vermelho marroquino como os Extratos Elegantes, dos quais costumávamos traduzir do Sr. Gray a “Elegy” e a “Battle of Hohenlinden”, e do Sr. Cunningham a “Pastorals” em francês.

Essa é a fantasia dela!

Porém, esses livros são muito diferentes entre si. Estão impressos em códigos e numa linguagem que só posso entender em meu sonho. Nada que eu, ou qualquer outra pessoa, tenha lido em qualquer livro físico possa abordar, por interesse e em relevância, do que li neles. Há sete deles.

Digo a mim mesmo quando os leio: talvez fosse bom que eu não lembrasse deles ao despertar, afinal!

Pois posso ser indiscreto e imprudente, e falar demais ou falar pouco; e o mundo pode chegar a um impasse, por minha causa. Pois, quem suportaria estes fardos, como disse Mary! Não! O mundo deve se contentar em esperar pelo grande adivinho!

Assim meus lábios estão selados.

Tudo o que sei é isto: *que tudo ficará bem para todos nós, e de tal forma que todos os que não suspirarem pela lua ficarão bem contentes*.

* * * * *

De tal forma, me esforcei, no melhor de minha capacidade, para dar conta de minhas duas vidas e a de Mary. Vivemos três vidas entre nós — três vidas em uma.

Foi uma tarefa feliz, embora mal executada, e todas as condições de seu desempenho foram singularmente felizes também.

Uma cela em um manicômio criminal! Isso não soa como um caramanchão nos Campos Elísios! É, e tem sido para mim.

Além do sol que ilumina e aquece minha vida interior, tenho sido tratado com bondade, simpatia e consideração por todos aqui, do governador para baixo, que me enche de gratidão indescritível.

Sobretudo, sinto-me grato aos meus bons amigos, ao médico, ao capelão e ao padre – o melhor e mais gentil dos homens – onde cada um desses já tomou sua decisão de tudo aquilo que sabe sobre o céu, a terra e abaixo dela, e cada um dos outros dois em sentido contrário!

Há apenas uma coisa sobre a qual nenhum dos dois está muito seguro, isto é, se sou louco ou são.

E há uma única coisa – sobre a qual eles concordam; ou seja, que louco ou são, sou um grande gênio não descoberto!

Meus pequenos esboços, simples ou coloridos, enchem-nos de admiração e êxtase. Tanta ousadia, facilidade e execução, uma fertilidade tão avassaladora na escolha dos temas, tal realismo singular na concepção e representação de cenas passadas, históricas e de outra forma, tão espantoso conhecimento de arquitetura, personagem, figurino e tudo o mais, essa cor local — é tudo como se eu realmente estivesse lá para ver!

Tenho a maior dificuldade em evitar que minha fama se espalhe além dos muros do manicômio. Minha modéstia é tão grande quanto meu talento!

Não, não desejo que esse grande gênio seja descoberto ainda. Tudo deve servir para ajudar, exemplificar e adornar a obra de um gênio muito maior, de onde tirou todas as inspirações que já teve.

É uma tarefa esplêndida e deliciosa que tenho diante de mim: desvendar, traduzir e colocar em ordem essas reminiscências volumosas e escritas às pressas de Mary, todas escritas em códigos que inventamos juntos em nosso sonho – um código muito transparente quando você tem a chave!

Acho que vai demorar pelo menos cinco anos, e sem presunção, posso contar com isso, forte e ativo como me sinto, e ainda tão longe da idade do salmista.

Em primeiro lugar, eu pretendo.

* * * * *

Nota - Aqui termina o livro de memórias do meu pobre primo. Ele foi encontrado morto devido a um *acidente vascular cerebral*, com a caneta ainda na mão e a cabeça prostada sobre o manuscrito inacabado, na página do qual ele havia acabado de desenhar um garotinho empurrando um carrinho de mão cheio de pedras de uma porta aberta para outra. Uma porta está rotulada como" Passado", a outra "Futuro".

Cheguei à Inglaterra, depois de uma longa vida no exterior, na época de sua morte, porém, tarde demais para vê-lo vivo. Ouvi muito sobre ele e sobre seus últimos dias. Todos aqueles deveres que os colocava em contato com ele, pareciam tê-lo visto com um respeito que beirava a veneração.

Fui contemplada por vê-lo em seu caixão. Eu não o via desde que ele tinha doze anos.

Enquanto estava deitado ali, imóvel em seu tamanho e espessura, ele parecia gigantesco — o ser humano mais magnífico que já vi; e o esplendor em sua face morta, assombrará minha memória até os fins do meu dia.

MADGE PLUNKET.